



CASTRO DAIRE — Capela da Ermida

(Fot. de Virgílio Leitão)

Braga, 21 de Abril de 1928

NUMERO 320 — ANO VII

Composta e impressa na Tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPR'IDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.*da*

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

A LOURDES PORTUGUÊZA

Aparição de Nossa Senhora de Fátima

É esta linda imagem que todo o portuguez deve possuir em suas casas; foi uma verdadeira aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos de lugar de Fátima, assim como em Lourdes Nossa Senhora appareceu a Bernadete. Bom sortido em imagens desde 0,15 centimetros até 1,20 centimetros de altura, estampas, placas, medalhas, passe-partouts, etc. Grande e colossal sortido de artigos religiosos em todos os géneros por preços muito vantajosos, com grandes descontos aos revendedores.

CASA IMACULADA CONCEIÇÃO

João Monteiro Pereira Junior

72, Rua do Loureiro, 74 — PORTO

Passagens de graça na grande peregrinação de 13 de Maio de 1928 á Fátima

Todos os Ex.^{mos} Freguezes que façam nesta conhecida casa, uma despesa de 5\$000 reis de artigos religiosos ou outros do seu comercio, tem direito a um bilhete devidamente numerado, o qual pode ser premiado com *duas passagens em automovel ou comboio em 1.^a classe, do Porto a Fátima*, passagens estas pagas por esta casa, e 32 imagens de diferentes tamanhos conforme os prémios que igualmente serão distribuidos gratuitamente pela Loteria Nacional da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Quando o freguez não compre 5\$000 reis duma vez poderá comprar por vezes até perfazer essa importancia e no fim receberá na mesma o bilhete.

A ULTIMA CONDESSA DE ATOUGUIA

(*Memorias auto-biograficas*)

Prefacio, introdução e notas
do Padre Valerio Cordeiro

2.^a EDIÇÃO

PREÇO, 3\$00

Pedidos á Administração
da

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA
— BRAGA —

LIMA, FILHO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.^o andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando dos processos mais modernos, presta-se a satisfazer qualquer encomenda para tingir quaisquer objectos proprios para Igreja, tais como, paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge vestidos de senhora e fatos para homem. Satisfaz qualquer encomenda pelo correio.
Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

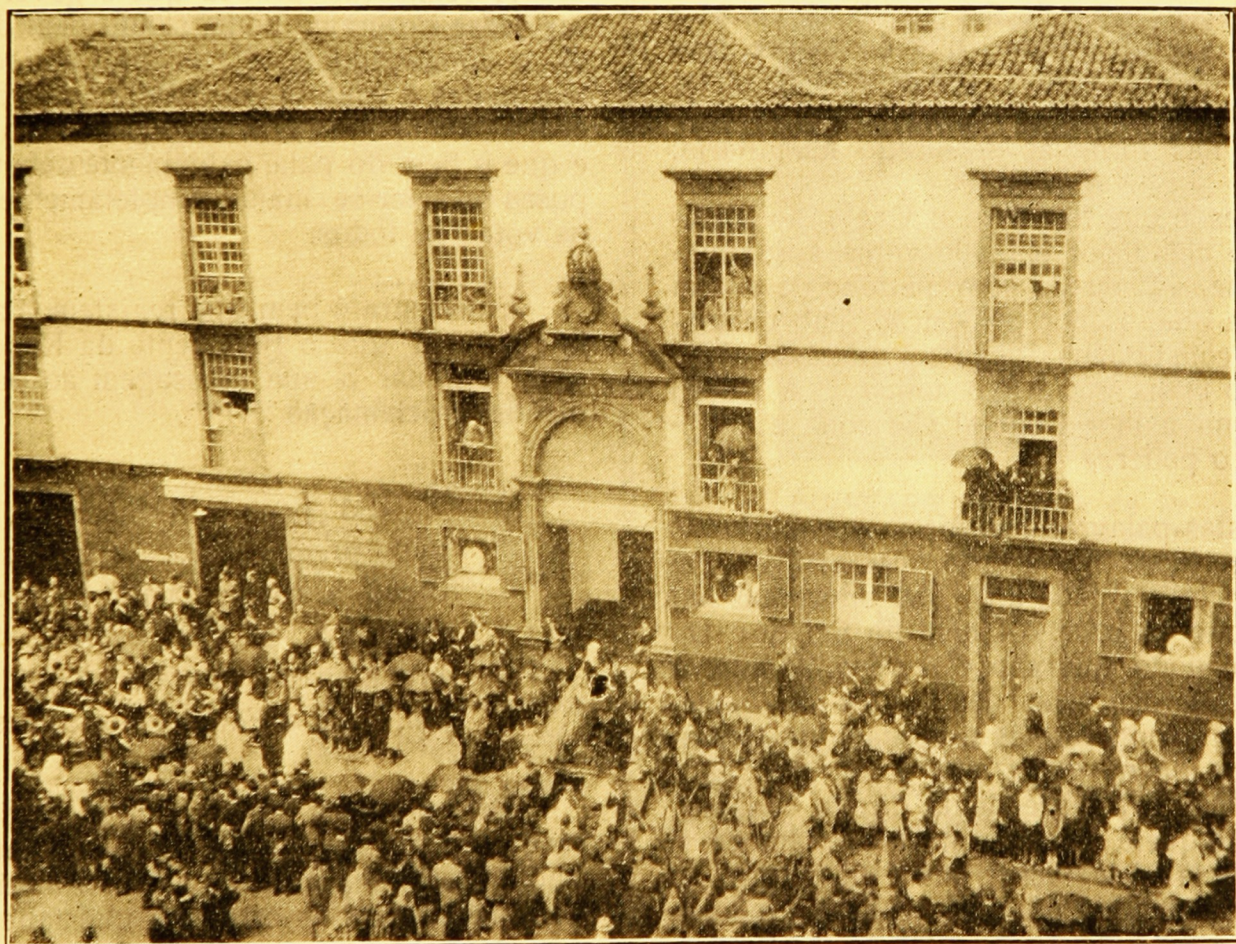
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 21 de Abril de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 320



FUNCHAL -- MADEIRA

A PROCISSÃO DO ENTERRO

NA presença do Poder Judicial, representado pelos mais altos magistrados do País e na dos representantes das circunscrições locais, os trezentos e setenta e cinco municípios portugueses, o senhor general Antonio Oscar de Fragoso Carmona assumiu o cargo, para que foi eleito, de Presidente da Republica, e prestou o seu compromisso de honra.

Assistiram a esse acto, não só as Potencias estrangeiras, mediante a sua representação diplomatica, mas tambem a Igreja, pela comparencia do Ex.^{mo} Snr. Arcebispo Primás e de outros arcebispos e bispos portugueses. No salão da Camara dos Deputados estavam ainda membros de associações scientificas e economicas, magistrados e funcionarios, uma selecta concorrência, enfim, de verdadeiro brilho, a competir com os antigos concílios medievais nos quais se estabeleciam as relações juridicas entre a Nação e o Governante que é, sempre, expressa ou tacitamente o delegado daquela, eleito nas formulas democraticas e predestinado nas formulas de direito hereditario.

Desde que foi eleito o Chefe do Estado, e eleito por 800.000 votos aproximadamente, entrou-se num periodo de ordem legal, a que, só por convenção, não chamaremos constitucional, se bem que esta constituição tenha um artigo unico: «A Nação confia no senhor General Carmona e entrega-lhe o poder.»

Estas palavras não foram pronunciadas nem escritas? De acordo, mas estavam *em substancia* em cada uma das oitocentas mil listas que votaram o Chefe do Estado. Do mesmo modo que não é preciso admitir a veracidade das actas das Côrtes de Lamego para reconhecermos a verdade da formula «*Nos liberi sumus; rex noster liber est*» que é todo o transcendente direito constitucional daquele tempo primissimo, tambem a eloquencia dos factos, mais eloquentes do que as palavras, afirmam realizado o «pacto» entre o Povo e o Chefe do Estado, porque só mediante esse pacto aquele consente em ser governado, e este, de direito, governa.

Em 24 de Março o sr. General Carmona não tinha nenhum direito, (juridico evidentemente) a governar. Governaria porque a força o apoiava, e fazia obedecer-lhe.

A força correspondia aos interesses e à vontade da Nação? Porventura assim era: mas o acto juridico é que não estava demonstrado. Um dia depois, essa correspondência entre a vontade dos governantes e a do povo tinha-se afirmado: o acto juridico estava praticado. 800.000 portugueses tinham assinado o pacto entre o governo e a nação e designado o senhor General Carmona para o governo dictatorial, como outrora os membros dos concílios designavam o rei a quem era confiado o poder.

A ordem legal estabelecida com este acto fez já instituir-se um novo ministerio, que foi organizado pelo sr. Vicente de Freitas, já antes ministro do interior. O programa é curto, em onze periodos, apenas, de principios gerais plausiveis.

A realização pratica que o governo fizer desse programa pode, sendo bem dirigida e compreendida, trazer um periodo de felicidades e venturas ao país, com ordem e com economias desejaveis. Que assim seja, e que o bem do país, sabiamente defendido, possa afirmar-se mais completamente, são os votos de todos.

Entretanto é bem que registemos as palavras com que o Presidente da Republica quiz terminar a sua mensagem ao país no dia da proclamação:

«Só peço a Deus, que, se algum premio merece a minha dedicação à causa da Pátria, me dê a felicidade de vêr reconciliada em breve, numa perfeita unidade moral, toda a Familia portuguesa.»

Pela primeira vez há muitos anos, aparece o nome de Deus num documento publico desta importancia. E' um motivo de consolação para os catolicos, que sabem que «se Deus não guardar a cidade, em vão vigiam os que a defendem». A invocação, naqueles termos, do santo nome de Deus, é o primeiro acto de fé da Republica Portuguesa; será, esperamo-lo confiadamente, o inicio de muitas felicidades que darão a apetecida *unidade moral*, porque essa unidade tem, unicamente, em Deus o seu fundamento.

O Poeta da minha alma

ENTRE os poetas portugueses, depois do génio épico de Camões e da luminosa santidade de Frei Agostinho da Cruz, é o patriotismo de António Correia de Oliveira que eu mais admiro e mais amo.

Correia de Oliveira é o poeta da minha alma, como S. Francisco de Assis é o Santo do meu coração e Santo Tomás de Aquino, o sábio predilecto do meu espírito.

Pela sua força de vibração exaltante e heroica, os versos de Correia de Oliveira são o melhor elemento educativo da nossa sensibilidade.

Fazem-nos compreender mais profundamente o que ha de belo e de nobre nos múltiplos aspectos que nos oferecem a natureza e a vida, através de todas as emergências e susceptibilidades de cada dia.

São orações que devemos rezar, de joelhos e de mãos postas, enternecidamente.

São hinos que devemos cantar, de olhos fixos no azul infinito dos céus e o pensamento erguido às alturas, num paio suave e longo.

Ler, rezar, cantar os seus versos é viver a vida mais alta de encantamento e de luz. E' sentir a Deus mais perto de nós, mais dentro do nosso peito, mais chegado à nossa alma.

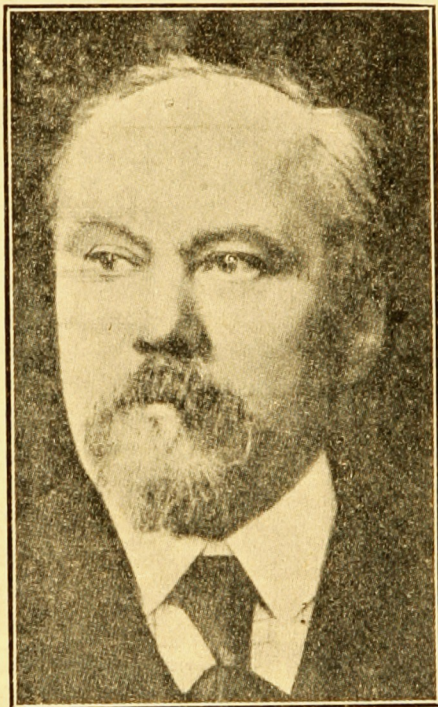
Todos êles teem uma alma que vibra, e um coração que bate.

Uns choram, baixinho, a angústia febril da Hora Incerta, outros aclamam, num sagrado esplendor de apoteose, os grandes mistérios e os grandes milagres da nossa Historia.

Todos glorificam a Pátria, todos louvam a Deus. Gritos de redenção,

chamam-nos ao campo de batalha, em defeza de Portugal, como toques estridentes de clarim ou aérias modalidades de flauta de oiro.

São romeiros de Jesus Cristo que pregam, na sua simplicidade e na sua



POINCARÉ, Presidente da Republica Franceza que no ultimo conselho de ministros apresentou a nota relativa ao pacto multilateral de paz perpetua, que vai ser enviada aos governos Ingleses, e Italiano Japonês e alemão.

pureza, as energias inexgotáveis da Religião e a graça sempre antiga e sempre nova do Chão português.

Diz alguém que os grandes poetas, quanto mais se releem, mais se apreciam.

Assim é. Quando releio Correia de Oliveira, mais as suas estrofes me encantam, mais o seu ideal me arrebatam, mais a minha alma se ilumina e aquece, comungando, espiritualmente, a beleza dulcíssima dos seus versos...

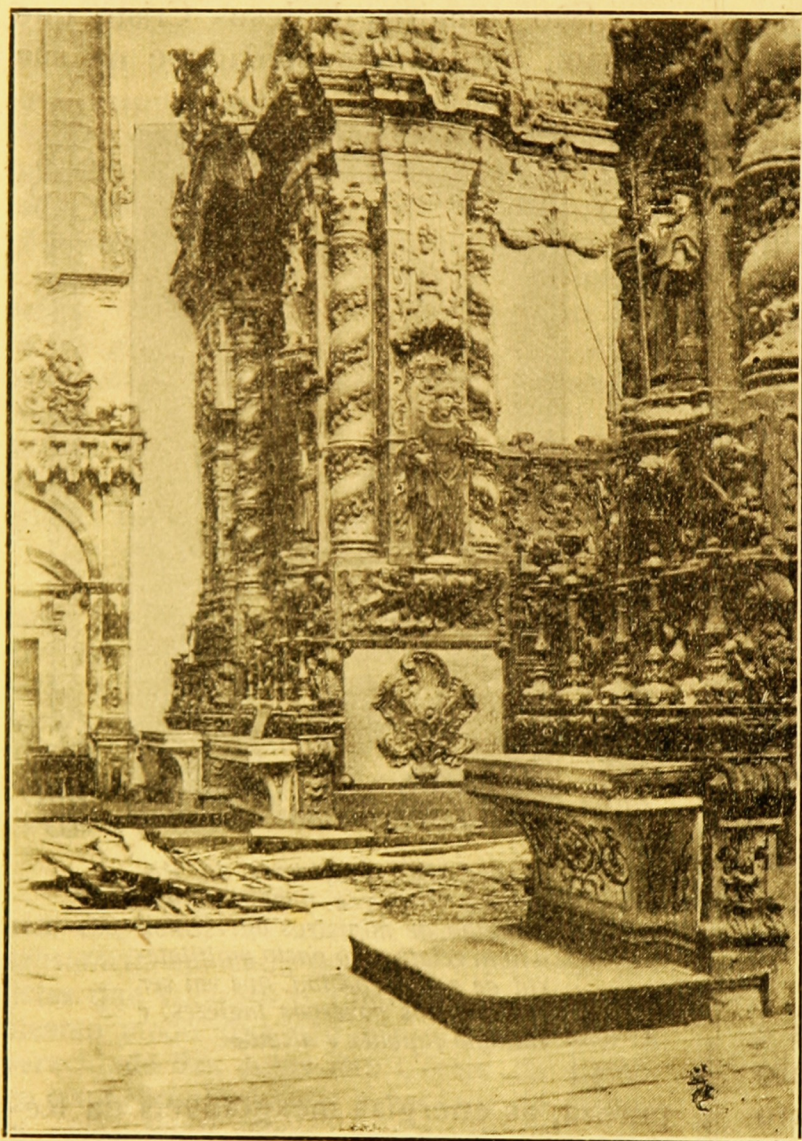
MOREIRA DAS NEVES.

MOTIVOS LITERARIOS

Igreja de S. Francisco — PORTO.

VISITAMOL-A. E dá pêna. E revolta. Portugal perdeu-se de si-mesmo, — já não sabe o que tem de seu. Riquêzas que ele possui — e são tamanhas! — andam ao deus-dará, votadas a um desprezo doloroso. E, no entanto, elas foram ganhas com honrado suor; custaram sangue.

leza peregrina daquela talha de filigrama e renda; enamorados daqueles vitrais onde a luz cria deslumbramentos, e das imagens velhinhas que, vendo nascer o templo e acompanhando-o em seculos de esplendor, lhe testemunham agora, doloridas, a decadencia pavorosa!



PORTO — Igreja de São Francisco.
Aspecto do transepto.

A igreja de S. Francisco é uma das mais preciosas joias do seu patrimonio artístico; mas é uma joia abandonada.

Tão abandonada — que nem os gatunos reparam nela!

Os que a visitam, voltam maravilhados e tristes. Encantados com a be-

leza peregrina daquela talha de filigrama e renda; enamorados daqueles vitrais onde a luz cria deslumbramentos, e das imagens velhinhas que, vendo nascer o templo e acompanhando-o em seculos de esplendor, lhe testemunham agora, doloridas, a decadencia pavorosa!

S. Francisco não passa de uma admiravel ruina... em perspectiva.

... E no entanto, senhores, é Monumento Nacional — escrevem assim a coisa, em respeitosas maiúsculas — a inculcar a protecção magnanima do Estado, — vigilante Anjo-Custodio da Arte Nacional...

Ninguém pôde tocar-lhe, — que é Patrimonio glorioso de Portugal!

E ninguém lhe toca... Tanto assim que a imundície, subindo do soalho desconjuntado, escala os capiteis e conquista sacrilegamente os altares.

Entra-se. Um cheiro a bafo, a podridão, envolve-nos desde logo, perturba-nos. E' um ambiente de cripta. Se resistimos à tentação de retirar imediatamente é porque a beleza maravilhosa do templo nos fascina.

Informam-nos de que as portas só se abrem de vez em quando, — à chegada de um forasteiro curioso ou de um artista apaixonado...

Aquele abandono pésa-nos, sufoca-nos.

Que o actual Governo, que tem manifestado interesse pela Arte Nacional, estenda misericordioso olhar para esta admiravel Fabrica.

Garante-nos alguém que as obras de reparação vão começar breve. Assim seja!

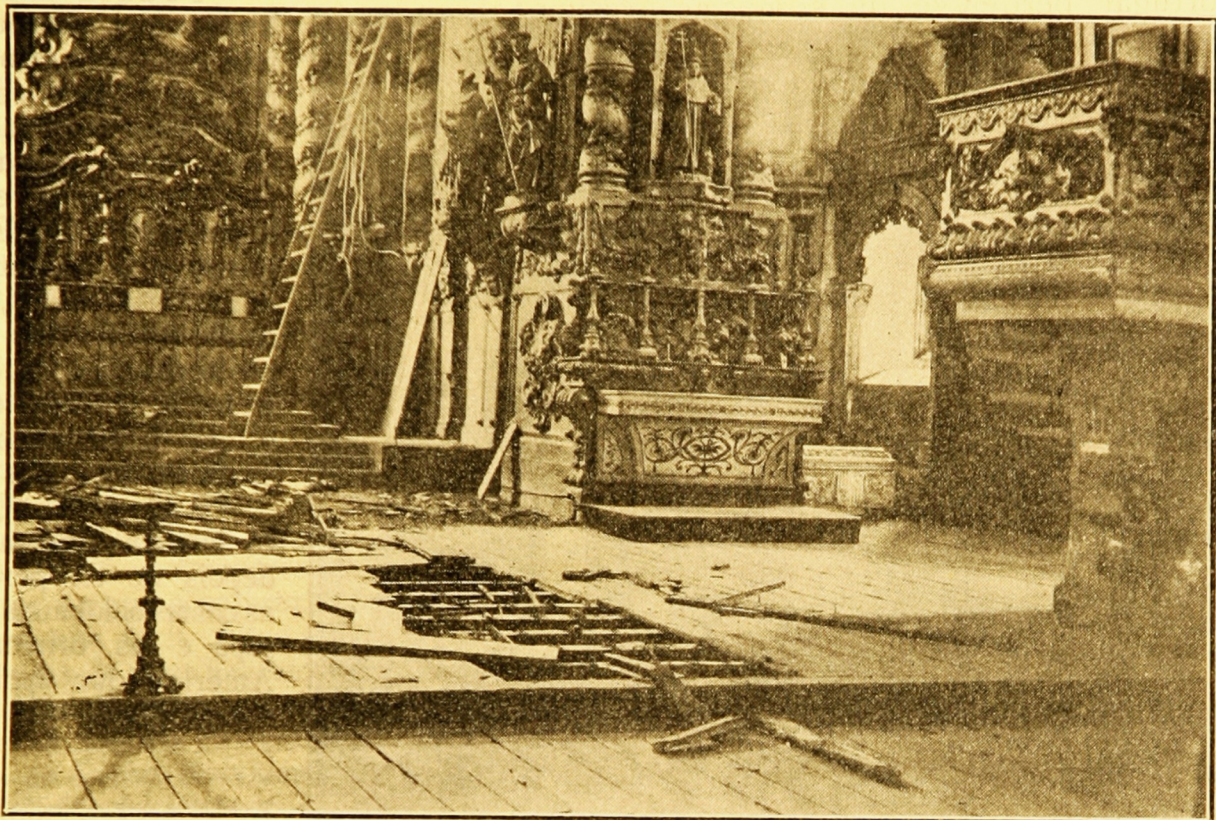
O facto, afinal, não merece a categoria de milagre . . .

— Maiores prodígios tem obrado o grande e glorioso Padre S. Francisco!

*

se Deus lhes der vida e saúde na semana dos nove dias.

Pelas fendas abertas na capela-mór, entre a talha, penetra a chuva; e os trabalhadores, para embargal-a, ar-



PORTO — Igreja de São Francisco — O púlpito e a capela-mór

Uma visita ao Monumento veio provar-nos que o Estado puzera nele misericordioso olhar. Andam obras ali. Trez operarios meteram hombros à grande emprêza : . . . Hão-de acabal-a,

rancaram táboas do soalho e pregaram-nas lá riba . . .

— A emenda não é peor do que o soneto, mas não o fecha com chave de ouro!

TEIXEIRA PINTO.

O ESPÍRITO RELIGIOSO

Como prègava em 1893 o consumado mestre da palavra que foi o cónego Alves Mendes, a religião entrou no mundo com o primeiro homem e só sairá dele com o último.

E' que a alma humana é insitamente religiosa como imagem do Ente necessário, de quem, por uma íntima reunião, poderá reaver a felicidade de que foi privada e de que, entretanto, conserva as mais gozosas recordações, que, traduzidas em diversísimos sentimentos, são a permanente e indefessa manifestação do espírito religioso.

A religião é pois filha do nosso íntimo sentir, brota naturalmente da escassa compreensão que, no acerbo redemoinhar do pen-

samento, alcançamos atingir de nós mesmos e do mundo que nos rodeia.

Sentimento intuitivo da nossa dependência, assoma a todas as consciências numa dolorosa interrogação, sobrepõe-se pertinazmente a todos os pensamentos, prolongando infinitamente a realidade, sobredoura todas as imaginações, aliciando-as para condições de existência sobrenaturais e dando à vida, assim, um como que gôsto divino, segundo escrevia o nosso Eça quando, deificando postumamente Vitor Hugo com uma impenitente ingenuidade, por êle confessada, se sentia elevar «da pesada materialidade para as formas mais belas e mais puras do pensar e do sentir.»

¿ Que é a Arte, em última análise, senão um esforço impotente para expressar a realidade metaférica ?

Essa colossal arquitectura do ferez vale do Nilo simboliza a ideia da eternidade, que a admiração profunda pelas forças da natu-

o mundo então conhecido, rígida no Direito, por onde deu à posteridade os cânones fundamentais das reciprocas relações dos cidadãos, até Roma, repito, deixou transparecer na gravidade da sua arte a ideia de fôrça, de poder infinito, de onipotência.



FUNCHAL — MADEIRA. — A procissão do enterro entra na Sé.

(Fot. Humberto Lima)

rezu, tão pródiga para com êle, fazia germinar facilmente na alma do egípcio.

Esses tão frágeis como elegantes terraços assírio-caldaicos, levantados simultaneamente para estudar e honrar os outros fascinadores da Mesopotâmia, revelam a ânsia de decifrar o destino de cada pessoa, que à ardente imaginação oriental concebia como intimamente vinculado aos movimentos dos corpos celestes.

Êsse conjunto tão delicado da arquitectura persa, que iria estimular o maleável e subtil génio helénico, não era senão o resultado, plásticamente traduzido, da concepção do princípio do Bem, que perenemente derramava o que havia de belo e de útil na natureza, e que é conhecido pelo nome tradicional de Ormuz.

E a fina, sóbria, clara, acabada arte helénica eleva-nos o espírito, dum só impulso, à consideração duma beleza absoluta, de que eternamente se enamorarão as almas simples ou as que, por um constante esforço intelectual, conseguirem subtrair-se às falazes seduções deste mundo.

Até Roma, forte na sua primitiva vida rural e mais forte ainda nas suas bem equipadas legiões, com que conquistou quase todo

feito de imagens que fácil e docemente se succedem, alava-se para fora do século das luzes, cantando que —

Há não sei quê divino, fôrça é crê-lo
Nesses teus olhos duma iuz tão pura
Que ao vê-los, tive logo por segura
A eterna paz que é meu constante anelo.

E logo continuando, acrescenta que —

Filha de Deus, nossa alma aspira vê-lo.
Desprezando caduca formosura
Ela em seu eterno giro só procura
A forma, o tipo universal do belo.

*

* *

A par desta vaga e naturalmente infusa religiosidade, há a religião revelada, tipicamente imaterial, paupérrima de simbolismo nos seus primórdios, todavia opulenta de moralidade, que dum modo abstracto vinha justificar ao homem a voz serena e íntima da consciência nas suas infalíveis sanções.

E' um fenómeno histórico extraordinário,

que ficará inexplicável, se não admitirmos a intervenção directa de Deus, que se manifestou ao mais humilde povo da antiguidade através de preceitos morais, descortinados, de facto, já por geniais pensadores, mas absolutamente carecidos de autoridade para serem praticamente exequíveis.

Salomão Reinach não nos convencerá, com o seu criticismo tendenciõsamente positivista, de que a religião mosaica se explica pelas influências naturais, como qualquer outra, porque o seu carácter é de tal forma metafísico, num povo de rudimentar organização politicò-social, e por isso de insignificante cultura de espírito, a demais fatalmente influenciado pelas outras civilizações (nomeadamente pela caldaicò-assíria e egípcia), que se torna logo improcedente qualquer explicação naturalista, por mais engenhosa que seja.

Êste e outros factos constituem a supremo derrota do racionalismo estreito e sêco, porque neles se verifica, para eterna vitória da Fé, a transgressão evidente de princípio de que a natureza não dá saltos: «Natura non facit saltus.» Ora a crença monoteísta do povo hebraico representa um extraordinário salto, que, de quando em quando, a história nos mostra para confirmação da Divina Providência.

Religião revelada, portanto, o mosaísmo vinha ratificar a espèculação filosófica da sabedoria grega sôbre a existência de Deus, e ao mesmo tempo preparava a vinda de Jesus Cristo como Messias da humanidade.

O Cristianismo tinha por fim, aperfeiçoando a Lei, tornar acessível o Reino de Deus a todos os povos pela regeneração baptismal e pela conseqüente santificação, alcançada pela vida religiosa liturgicamente organizada.

O espírito religioso disciplina-se e atinge o contacto perfeito com a Divindade por via sacramental, onde o simbolismo já não é um fim, mas um meio necessário à nossa natureza sensível.

E ei-lo que acabada a missão do Divino Mestre e recebido o Espírito de Verdade, transforma o mundo prègando a Caridade, arrebatando as inteligências falando-lhes da Vida Eterna, da Ressureição da carne, e com todas as oposições êle vai germinando, como o grão de mortarda, vicejando e frondejando.

Com efeito, surgem as perseguições e o Coliseu de Roma, tinge-se de sangue cristão com gáudio da populaça e com honra para César. A heròicidade das vítimas sobe a ponto de ainda conseguir despertar a admiração dos espectadores, ávidos de pão e de jogos... sangrentos: «panes et circences».

Passada a angustia, o espírito cristão

impõ-se à sociedade pagã, catequiza, torna-se um elemento de coesão politicò-social, versa a filosofia, fundamenta o pensamento teológico, abre escolas, promove concílios encuménicos, dissipa heresias, dirige moralmente o mundo, santifica as almas.



FAIAL. — Templo destruido pelo terremoto.

(Fot. Humberto Lima)

Em breve os espíritos de eleição vão perfazer a santificação para o deserto, attingindo a suprema espiritualidade; e cheios de divino desejam intercomunicar, fundando-se a vida cenobítica.

Por toda a parte se estabelecem mosteiros, onde a cultura mental encontra um seguro abrigo contra as invasões dos barbaros, e por entre os escombros por estes praticados, bruxuleia sempre a luz monástica da civilização.

A Idade Média assenta toda no espírito cristão. O Cristianismo fundamenta a autoridade, liberta o escravo, convertendo-o em colono livre, dignifica a mulher, espiritualizando o amor, honra o trabalho.

Mas a Renascença desponta com as características do mundo grèco-latino, e o Cristianismo, ameaçado já na sua unidade ocidental pela Reforma, consegue ainda equilibrar o espírito com a matéria, produzindo almas como Santa Tereza, S. Luís de Gonza-

ga, S. Carlos Borromeu, etc. Com uma tendência admirável de adaptação, o espírito cristão (agora mais bem dito católico) coexiste com o espírito científico, e assim Descartes, Malebranche, Pascal, Newton são crentes, fiéis à Igreja Católica, onde se encontra, como disse Bossuet, o Espírito de Deus.

A sociedade continua a evolucionar e a Revolução de 89 proclama os Direitos do Homem, trocando a latria divina pela latria humana. Robespierre, porém, não tarda a fazer a sua confissão pública, bradando que «o povo francês reconhece o Ser supremo e a alma imortal!»

E assim a Igreja romana tem vencido sempre moralmente, sobrepondo-se a todas

as fases da evolução social e tendo para todas as convulsões um pronto calmante. Com S. Luís foi a íntegra justiça social; com São Francisco a caridade sem limites; com Santa Teresa o amor imenso, chama que arde sem se ver, razão da existência.

Extraordinário, fantástico espírito religioso! Melhor que todos os raciocínios subtis, êle nos prova constantemente, pelos frutos que produz quando progride na santidade evangélica, que Deus existe e só constitui a nossa felicidade. Por isso tinha razão Tertuliano quando, sondando a alma humana, descobria que ela é naturalmente cristã: «Anima naturaliter christiana»

ANTÓNIO MENESES.

NOTAS D'ARTE

II

Exposição de Quadros Simão da Veiga — No Salão do Ateneu Comercial do Porto

Antes de entrar na apreciação dos quadros deste pintor ilustre, permitam-me os leitores, que lhes signifique o pesar que tive, por ter saído tão semeadado de *gralhas* o meu último artigo. Deve-se êsse facto à péssima caligrafia

te pura, feita em pleno campo, e sob o céu do nosso Sul.

Simão da Veiga, cavaleiro tauro-mático de grande audácia, e pintor de largos recursos, pinta com precisão e consciencia os animais domésticos de



FAIAL — AÇORES. — Um abarracamento construído após o terremoto para albergar os habitantes

(Fot. Humberto Lima)

que tenho, e um pouco também, à falta de revisão. Desculpem e perdoem, mas como lhes disse, a culpa não foi minha. E, agora, lá vai.

*

Mais uma exposição de Arte; Ar-

primeira grandesa: — Cavalos, Bois e Cães —, não deixando, no entretanto, de nos dar telas interessantes de figuras de mulheres lindas e distintas; com trechos de paisagem, à mistura. Não sendo neste último género que ele se destaca mais.

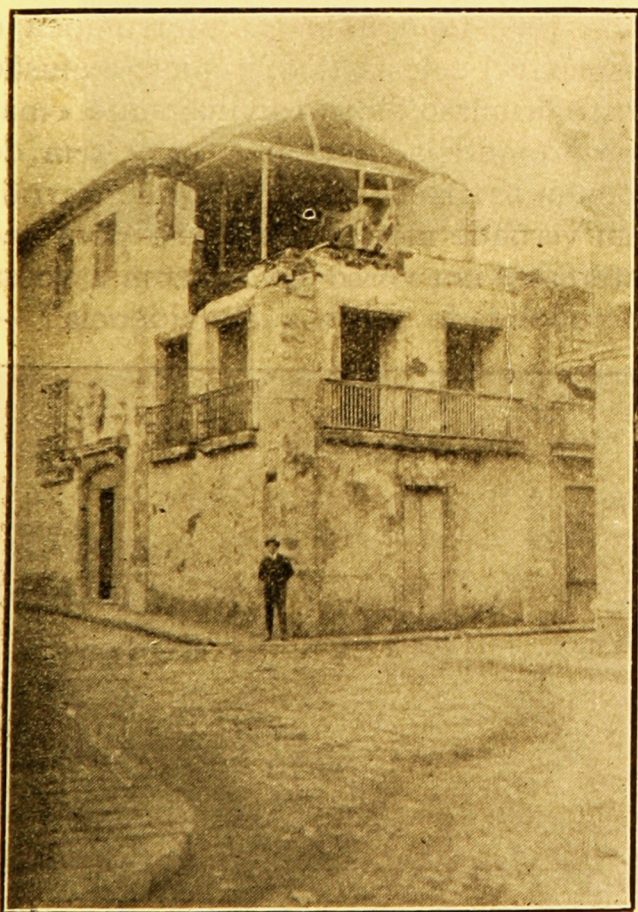
Ou porque a paisagem alentejana é merencória e acinsentada, pelo tom baço da côr das oliveiras, e não tem o frescor da paisagem bucólica e alegre do nosso Minho, ou a aridez montanhosa do nosso Douro, ou porque o pintor a ela se não dedica como aos outros generos. O que eu sei, é que, aqui, não é ele grande, como deveria ser.

As figuras de mulher, são bem traçadas, tem expressão e vida, e cativam-nos pelo encanto que teem as mulheres formosas e airosas, e porque são pintadas com amor e correção.

Mas, quando ele é um pintor de verdadeiro mérito, um pintor de cunho, é quando, em pleno campo, pinta os cavalos e os toiros. Aí, sim!... Aí é que ele é grande!...

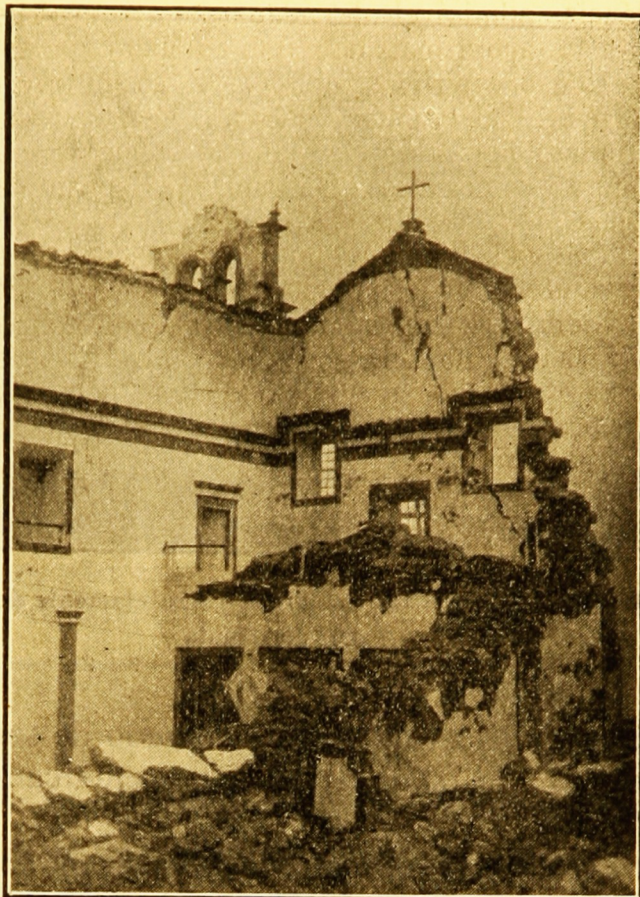
Aí, há aquela verdade e aquela consciencia pintural, que só sabem ter os que em pintura, desenham e pintam, em verdade.

Na sua exposição há um quadro, que eu classifico de uma obra prima:— A Garrochista — uma bela mulher, fina, elegante, montada à amazona, sôbre um



FAIAL. — Casa destruída pelo terremoto.

Fot. Humberto Lima



FAIAL. — Igreja destruída pela catastrophe scismica

fogosíssimo cavalo Alter Real, que positivamente galopa, atravez da planicie, garbosamente vaidoso de levar sobre o selin tão delicado e gentil fardo.

Tem outro quadro de largas dimensões: — O Precalço —, um toiro arremetendo sobre um cavalo, ferindo-o na verilha com as ponteagudas hastes, e derrubando o cavaleiro, que sai pelo pescoço do cavalo. E' inegavelmente um quadro impressionante, em que todas as figuras tem ação e movimento.

Não podemos deixar sem referencia a — Trola —, dois soberbos galgos, esguios, elegantes, atentos á voz e ao sinal do caçador, e prontos a largarem de corrida, no encalço da lebre que se pretende caçar. Belo, na verdade. Belo e justo!...

Mais quadros há, cuja referencia se deveria fazer, mas, que o pouco espaço, me proíbe que se faça.

Agora uma nota, para futuras exposições, no salão do Ateneu Commercial.

— A luz que ali há, é tão má; nestes dias de inverno, que os quadros perdem muito do seu brilho, da sua vi-



FAIAL. — Uma historica igreja, completamente destruida pelo terremoto

Fot. Humberto Lima

da, do seu valor real, deixando de ser aquilo que são, e portanto prejudicando-os.

Há por isso necessidade de modificar as condições da mesma luz de molde a que os trabalhos ali expostos se possam apreciar como merecem.

ANTONIO DE LEMOS (ALVARO)

A PROVIDENCIA

Acabava o padre Beauregard de prégar numa das igrejas da capital de França, o seu belo sermão sobre a Providencia, o qual tinha atrahido um grande concurso de fiéis, o que sempre acontecia às suas predicas, e recolhia-se a casa para tomar algum descanso das fadigas do dia, quando foram avisa-lo que um individuo pretendia falar-lhe.

O padre não fez mais do que mudar de vestuario e apresentar-se ao desconhecido, o qual pelas suas maneiras, logo denotou ser um artista. «O que pretendeis de mim?» disse o veneravel sacerdote. «Pedir-vos um momento de atenção», respondeu o recém-chegado com um tom fortemente assustado, e mostrando pela fisionomia que alguma coisa o preocupava, o que

não escapou à perspicacia do respeitavel padre. «De muito boa vontade» respondeu este, «assentai-vos, estou pronto a ouvir-vos».

E o dialogo continuou assim entre ambos: «Senhor, acabo de ouvir o vosso sermão . . .» — «Muito bem, eu me felicito e tambem vos felicito, por que creio ter dito algumas coisas que não serão inuteis para todos.»

— «O' senhor padre vós falastes muito bem, ninguem falaria melhor; mas exaltaste, os beneficios da Providencia, e eu não creio nela, ou, para mim não ha Providencia.» — Como assim, o que pretendeis dizer?

— Não, senhor, para mim não há Providencia, atendei e julgareis depois. Eu sou marceneiro, tendo mulher e tres filhos, trabalhamos, somos honestos, nunca fizemos mal a pessoa alguma; informai-vos pelos meus vizinhos, todos vos dirão que N. é honrado, que ganha o seu pão e o de sua familia com o suor de seu rosto, que não bebe, não joga, que vive bem com a sua mulher, que não faz dividas que não pague religiosamente. — Eu acredito tudo isso, bom homem, interrompeu o respeitavel eclesiástico, a quem a efusão deste discurso affectava vivamente «mas que pretendeis concluir e o que tem de comum as particularidades que narraes (em verdade muito atendiveis para me interessar em vosso favor) com a vossa incrudelidade sobre a Providencia? —



FAIAL. — Um quarteirão em escombros.

(Fot. Humberto Lima)

O que eu pretendo concluir é que tendes na vossa presença um homem que vai deitar-se ao mar. — O' Deus! exclamou o padre Beauregard, com razão assustado por uma tão funesta resolução: Deus vos afaste dum tal projecto, pelo qual periga não só a vossa vida, mas também a vossa salvação! Ah! qual é a coisa que vos arrasta a uma resolução tão pecaminosa? — Meu padre eu sofro um grande prejuizo pela falencia recente de um meu devedor; tenho pagamentos a fazer a 30 deste mez, que não posso cumprir, será a primeira vez que desacredite a minha assignatura,

vontade de ouvir o meu sermão? — Ah! senhor eu não saí de casa de proposito, para esse fim, foi o acaso; eu vos digo como isso aconteceu: passei por pé da igreja, vendo muita gente a entrar, por curiosidade, ou talvez maquinalmente entrei com os outros; perguntei o que havia, disseram-me que um grande pregador ia prégar, fiquei e ouvi-vos, eis aí como foi.

Tudo o que vós dissestes, senhor, é muito bonito, mas reflectindo em mim, na minha situação, no meu procedimento, não estou resolvido a acreditar na Providencia. — Pois que, meu amigo,



AVEIRO. — Praia da Costa Nova.

(Fot. D. Francisco Taveda)

esta ideia é para mim insuportável! Tenho batido a todas as portas, mas debalde, porque os meus parentes e os meus amigos não são mais ricos do que eu, portanto, tenho resolvido suicidar-me. — Mas meu amigo, em que estado ficará vossa mulher, que dizeis amar, e vossos filhos, se os abandonais para sempre? Estas palavras fizeram derramar lagrimas ao pobre artista, que proseguiu: « O que hei-de fazer? Eu não quero viver deshonorado, envergonhados-hia; quando eu já não existir, talvez tenham dó deles. — Dizei-me, como é possivel que achando-vos possuido dum pensamento tão horroroso, tivésseis

com tão desesperado designio entrastes na igreja, ouvistes o meu sermão, viesdes ter comigo, contaste-me as vossas desgraças, e não reconheceis que tudo isso foi obra da Providencia?

Surpreendido pela observação, o artista continuou, depois dum momento de silencio. — É' verdade senhor, ha nisto alguma coisa de extraordinario, mas com isso não pagarei as minhas dividas. — Tudo o que se havia passado neste acontecimento tinha comovido o coração do padre Beauregard; tudo lhe fazia crer que tinha na sua presença um homem simples mas honrado, que lhe inspirava um vivo interesse e, sobre-

tudo, que precisava de um pronto socorro: e parecendo-lhe inutil recorrer a indagações, tomou a sua resolução dizendo: — Ouvi meu filho, eu creio que sois um homem honrado, um homem infeliz, mas não por vossa culpa, e que não fizeste um calculo para me enganar. Eu quero ajudar-vos a sair da má situação em que vos achais; eu não sou rico, mas quanto é preciso para pagar a vossa divida? — O' senhor que bondade! Com menos de mil escudos eu fico salvo.



RENDUFE. — A Igreja do antigo mosteiro beneditino.

O padre Beauregard, levanta-se, tira cem luizes da sua gaveta, volta para o artista e disse-lhe: — Meu amigo, eis aqui cem luizes, eu não sou rico para poder dar-vo-los como meus, mas ha alguns dias que a princeza N., tendo assistido ao meu sermão sobre a caridade, me enviou esse dinheiro, autorisando-me a distribui-lo em esmolas como eu julgasse mais conveniente; essa somma teria aliviado a miseria de muitas familias; mas, meu filho, a vossa presen-

ça na minha casa e as circunstancias que narraes, é a meus olhos um raio de luz sobre as vistas da Providencia; levai esses cem luizes, pagai a vossa divida e crêde na Providencia.

O pobre artista, ao ouvir estas palavras deitou-se aos pés do padre Beauregard, verteu muitas lagrimas sem poder falar, tão grande era a sua admiração e o seu reconhecimento, levanta os olhos ao céu, toma a soma das mãos do padre, que aperta affectuosamente e desaparece.

M.

Rosas vermelhas e brancas

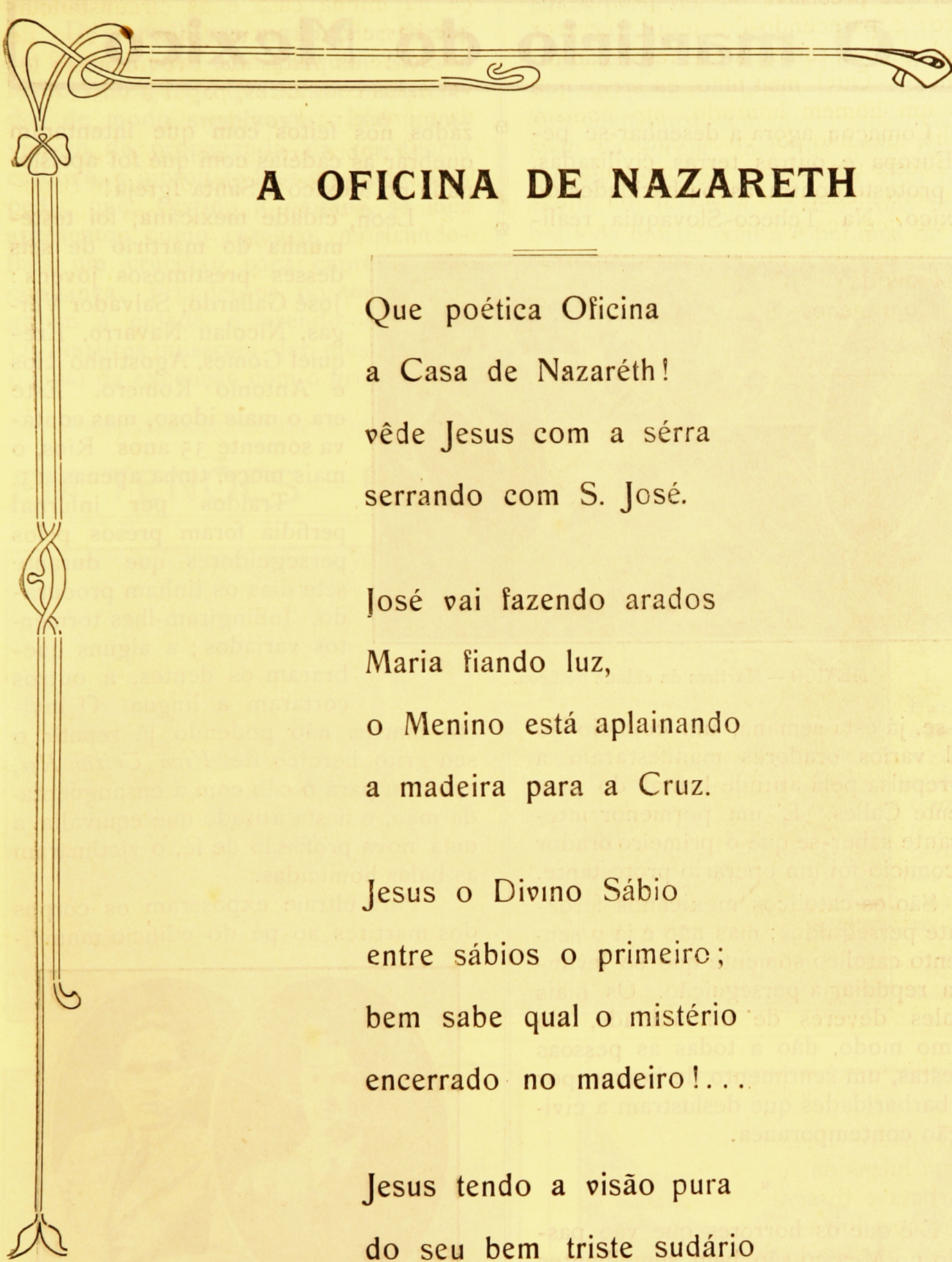
As vermelhas fazem-se brancas expostas ao vapor de enxofre, e as brancas fazem-se vermelhas ao vapor de sal amoniaco.

Manuscrito singular

Num catalogo de preciosos objectos artisticos vem citado um manuscrito hebreu, não em pergaminho, nem em papel, mas em pele humana: era bastante grande, quadrado, e nele se liam distinctamente os nomes dos filhos de Aman, todos dez sacrificados depois de precipitado o pai de sua alta posição. Com pele humana se encadernava tambem no tempo da penultima republica franceza: materia prima devia ser essa então baratissima, pois se contavam por milhares os suppliciados.

A primeira Missa celebrada na America

O primeiro sacerdote que celebrou o sacrificio da missa na America, depois de descoberta por Colombo em 1492, foi frei João Peres, portuguez, religioso de São Francisco. Disse a missa no porto de S. Domingos, em uma capela que o mesmo padre fabricou de ramos de arvores, colocando nela o Santissimo Sacramento.



A OFICINA DE NAZARETH

Que poética Oficina
a Casa de Nazaréth!
vêde Jesus com a sérra
serrando com S. José.

José vai fazendo arados
Maria fiando luz,
o Menino está aplainando
a madeira para a Cruz.

Jesus o Divino Sábio
entre sábios o primeiro;
bem sabe qual o mistério
encerrado no madeiro!...

Jesus tendo a visão pura
do seu bem triste sudário
diz às Filhas de Sião:
chorai lírios do Calvário.

«DO MEU LIVRO VOOS».
Póvoa de Varzim.

P.^e Américo Dias de Azevedo

O martirio do Mexico

Começou agora a desenhar-se pela Europa e outras terras civilizadas, um protesto contra as barbaridades do Mexico. Na Tcheco-Slovaquia reali-

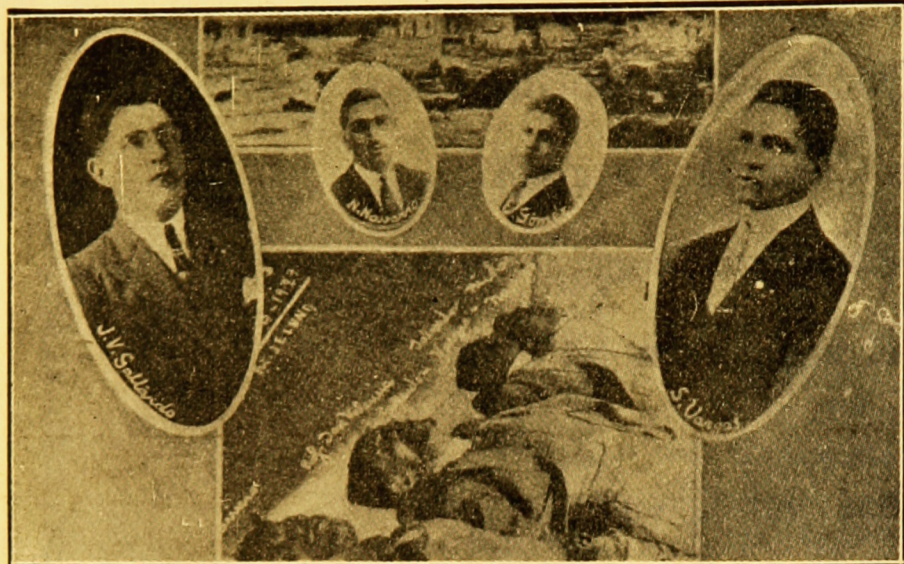
zados nos feitos com que intentaram quebrar as cadeias com que foi aprisionada no Mexico a Santa Igreja!

Leon, cidade mexicana, foi testemunha do martirio de seis desses prestimosos jovens: José Gallardo, Salvador Vargas, Nicolau Navarro, Ezequiel Gomes, Agostinho Rios e Antonio Romero. Este era o mais idoso, mas contava somente 35 anos. Rios, o mais moço, tinha apenas 13.

Traídos por infernal perfidia foram presos pelos perseguidores que durante sete dias os tinham procurando. Inflingiram-lhes tormentos variados; a alguns quebraram os dentes, a outros cortaram a lingua. O invicto

martir, não podendo já repetir o seu grito heroico de *Viva Cristo Rei*, apontou para o céu com a ensanguentada mão, e nesta atitude que equivalia a uma nova profissão de fé, o victimaram as balas homicidas.

Para ultraje expuseram os corpos dos martires ao pé do edificio municip-



MEXICO — Martires da cidade de Leon.

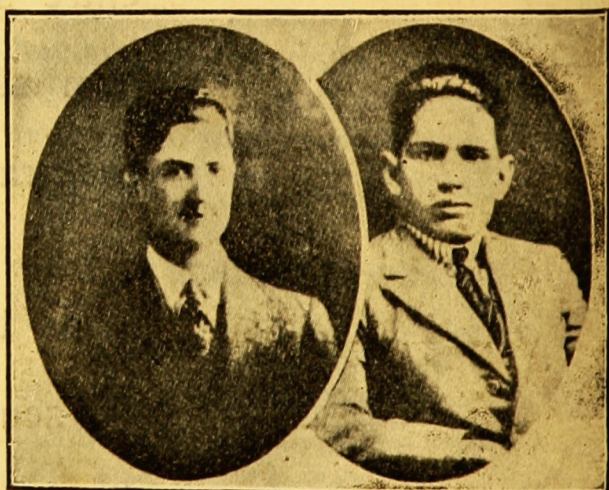
zou-se, já esta semana, um comicio no qual varios oradores manifestaram a sua repulsa pela atitude brutal do presidente Calles. E' um pormenor interessante saber-se que o primeiro orador do comicio foi um operario protestante.

São os catolicos mexicanos ferozmente perseguidos; mas não é já o sentimento catolico sómente que se levanta, a repudiar a perseguição. Os mais simples deveres de humanidade, do mesmo modo, dão a todas as pessoas honestas, um sentimento de horror por tais barbaridades que deslustram a civilização contemporanea.

*

E é que os horrores que vão passando no Mexico são bem semelhantes aos dos primeiros séculos do cristianismo, quando o paganismo, querendo afogar em sangue a Religião nascente, fazia estremecer as cidades do imperio, ao grito odioso de Cristãos às feras!

A Juventude Catolica do Mexico tem tido a honra de ser emula dos cru-



MEXICO — Joaquim Silva e Manuel Melgarejo.

pal, mas isso que pretendia ser um vilipendio para os jovens martires foi o principio da sua glorificação porque os leoneses começaram ali mesmo a honra-

los. O seu enterro foi uma procissão triunfal.

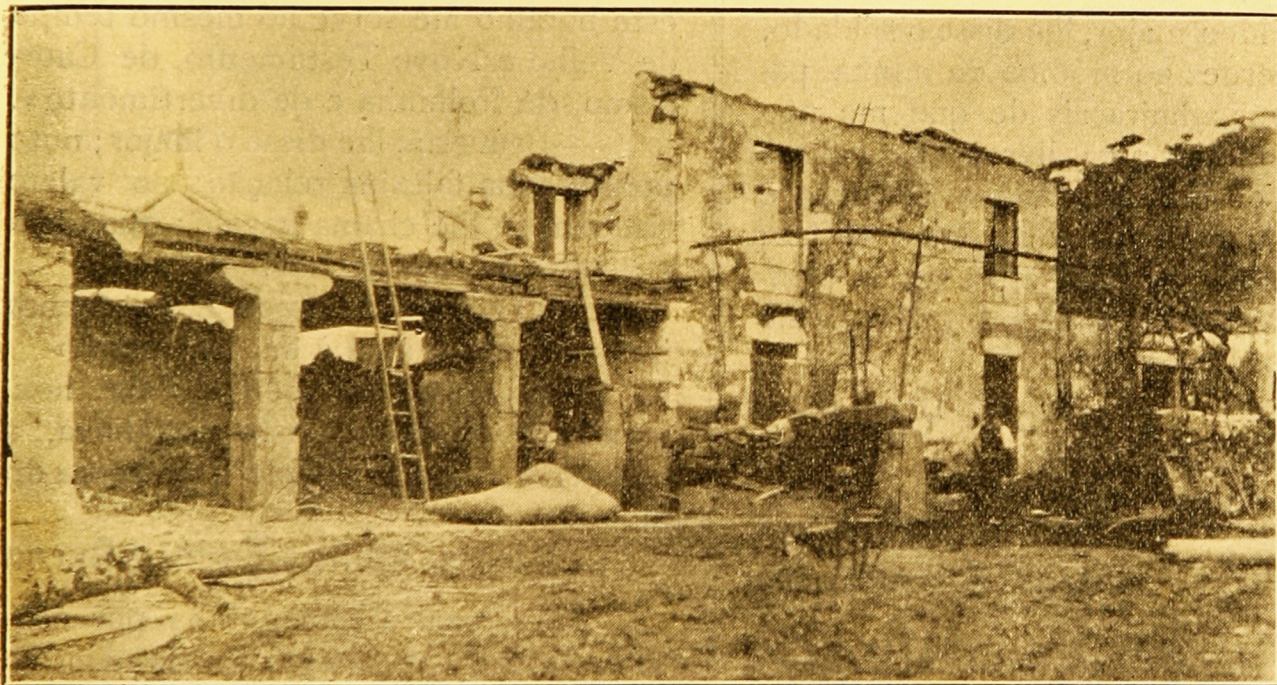
De semelhante modo procederam em Zamora para com Joaquim Silva e Manuel Melgarejo que foram martirizados de modo semelhante. Iam numa viagem de propaganda da resistencia catolica, e juntou-se-lhes o general Cepeda, que, vestido à paisana, se lhes apresentou como catolico, mostrando-lhes um crucifixo para captar a sua confiança. Prendeu-os, porem, ao chegarem à cidade, e fazendo-os fuzilar. Os martires quiseram dar eles mesmos o sinal da execucao com o grito de Vi-

va Cristo Rei! que foi afogado em seus labios pelas balas.

Tais são os quadros de horror que a civilização contemporanea consente se pratiquem no Mexico... Mártires lhes chamamos, sem querer antecipar o juizo da Igreja: martires, pelo desassombro com que entregam a vida pela sua fé. E fazem-no sorrindo nos humbrais da morte, com a esperança de ver a patria redimida. «Cristo está em nossa patria crucificado — diz o juramento da Juventude Catolica Mexicana — mas Cristo crucificado resuscita!»

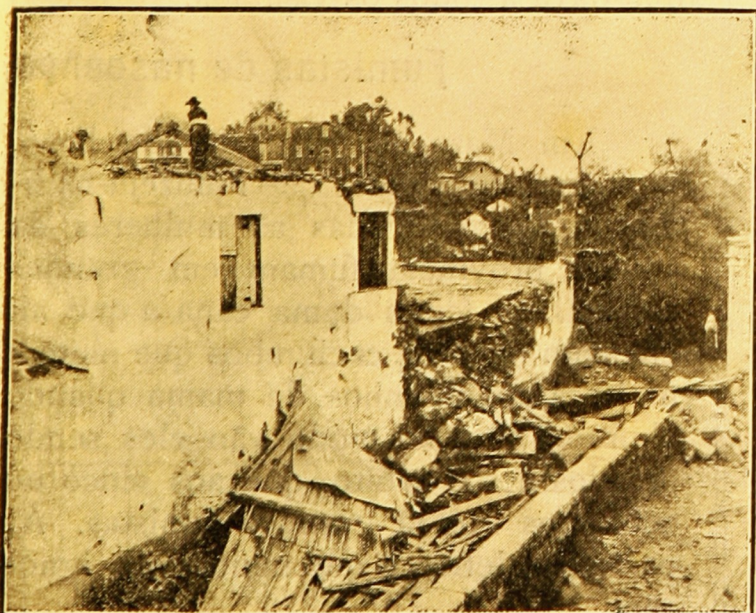
EM TENÕES = BRAGA

A tempestade de fins de Março, causou consideraveis prejuizos na propriedade do sr. José Antonio da Rocha.



*Estragos que se-
melham os de um
terramote e são
só causa-
dos por
um ciclo-
ne.*

Fot. Fran-
cisco Silva.



ANECDOTAS HISTORICAS

Baralho religioso

Ao ouvir missa um soldado com os outros da sua companhia, observou o sargento que em lugar de livro espiritual tirara ele da algibeira um baralho de cartas e meditava mui atentamente os naipes: repreendeu-o e ordenou-lhe que cessasse um tal escandalo, que de todos era notado; recusou o soldado, continuando a revolver todas as cartas com a maior devoção. Concluida a missa, ordenou-lhe o sargento que o acompanhasse a casa do major, a quem deu parte do ocorrido.

— «Meu major, lhe disse o soldado, se atenderdes ao módico da minha paga, não vos admirareis de que me não sóbre dinheiro para livros: as cousas são boas ou más segundo a intenção e o bom ou mau uso que delas se faz; ora, estes naipes suprem na minha mente os livros devotos e espirituais, como passo a provar-vos:

AZ: lembra-me um só Deus, creador do céu e da terra.

DOUS: o Velho e o Novo Testamento.

TRES: o misterio da Santissima Trindade.

QUATRO: os quatro Evangelistas.

CINCO: as virgens prudentes que foram diante do Esposo com as lampadas acesas, enquanto as outras cinco, chamadas nescias, foram excluidas por terem as suas apagadas.

SEIS: a criação do mundo em seis dias.

SETE: o descanso do Senhor ao setimo.

OITO: as oito pessoas que se salvaram do diluvio, a saber: Noé e sua mulher, seus tres filhos e suas mulheres.

NOVE: os nove leprosos (eles eram dez, mas só um soube render graças ao Salvador).

DEZ: os mandamentos da Lei de Deus.

DAMA: a Rainha de Sabá e a sua visita a Salomão.

VALETE: Judas, que por trinta dinheiros vendeu a Cristo.

REI: o do céu e da terra, a quem devo servir; ao do céu como Deus que é, e ao da terra como meu Soberano.

«As cincoenta e duas cartas do baralho lembram-me, de mais a mais, as cincoenta e duas semanas do ano; as doze figuras, os doze Apostolos e os 12 mezes.

— «Já vedes pois, meu major, que este baralho me serve ao mesmo tempo de Velho e Novo Testamento, de Catecismo, de Folhinha e de divertimento».

— Bem está, lhe disse o major; noto porém uma falta na relação: ao valete também se lhe chama cavalo; que ideia vos recorda este animal?

— «O cavalo, major, é o sargento que aqui me trouxe à sua presença.»

Um couce bem aplicado lhe houvera provado que se não enganava, a não ser o respeito devido à presença do major.

Boas noutes de lord Byron

Ao ir para a cama, tinha por costume lord Byron apagar a vela com um tiro de pistola. Erão as boas noutes que dava a todos os visinhos.

Fumistas de nascença

Em Mazagão, vilasinha do Pará, são as proprias mães que induzem os filhos a fumar. Todas as mulheres de aquella provincia fumam em grandes cachimbos, feitos duma cana a que ali chamam *taquari*, cachimbos que metem na boca aos filhinhos de mama quando choram. Por tal modo vão eles sendo creados nesse habito, que aos cinco ou seis anos são já grandes fumistas. As primeiras letras é que muita vez ignoram.